



O desenvolvimento da imprensa mineira no século XIX e o protagonismo dos jornais juiz-foranos ¹

Pedro Henrique Landim²

Resumo: O presente artigo apresenta uma breve exposição da história da imprensa no Brasil e em Minas Gerais e expõe o atraso da chegada das tipografias no país e no estado em questão. A cidade de Juiz de Fora, na Zona da Mata mineira também é objeto de estudo deste trabalho que tem, como objetivo, expor o paradoxo existente na chegada e na história da imprensa em Minas e, especificamente, em Juiz de Fora. Para isso, o artigo relata a história da implantação da imprensa na cidade, que viveu, no final do século XIX e início do século XX, um momento de forte desenvolvimento cultural e econômico, que provocou conseqüências diretas na história da imprensa na cidade.

Palavras-chave: Jornalismo; História da Imprensa; Tipografias em Minas Gerais;

Introdução

A implantação da imprensa no Brasil se deu de maneira tardia. No período colonial, o país não conheceu nem imprensa, nem universidade, diferentemente de outras colônias do continente. A imprensa só se instalaria, por iniciativa oficial, com a chegada da Corte de D. João, fugida das tropas de Napoleão Bonaparte, em 1808. Segundo o artigo publicado pela Associação Nacional de Jornais,

A imprensa brasileira tem duas datas como marcos fundadores: o lançamento, em Londres, do *Correio Braziliense*, em 1º de junho, e a criação da *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 10 de setembro, ambos de 1808. A qual dos dois cabe o título de precursor é tema de controvérsia em função das características de ambos, principalmente em torno das datas, dos locais em que circularam suas primeiras edições e de quem os editava (ANJ - SD)

Antes disso, foram montadas algumas tipografias clandestinas, mas que não tinham, como objetivo expresso, a produção de jornais. Na colônia, devido à Censura Prévia e à orientação de que as informações administrativas fossem prioritárias,

¹ Trabalho apresentado à divisão temática IJ 1 – Jornalismo, da Jornada de Iniciação Científica em Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste (Bauru - SP – 03 a 05/07/2013).

² Aluno do 7º período de Jornalismo na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG). Bolsista Pibic – CNPq (Ações Afirmativas) no projeto de iniciação científica “A História da Tipografia em Juiz de Fora (MG)” sob orientação do professor Dr. Jorge Carlos Felz.



circularam poucas publicações e de má qualidade, mas, a partir da Independência, em 1822, o número de impressos só aumentou.

Minas Gerais foi a sexta província a possuir periódicos. Em segundo lugar, levando-se em conta a criação da *Gazeta do Rio de Janeiro*, ficou a Bahia, onde, em 14 de maio de 1811, começou a circular a *Idade d'Ouro do Brazil*. Depois, em 21 de março de 1821, em Pernambuco, surgiu a *Aurora Pernambucana*. A quarta a ter jornais foi a província do Maranhão, que, em 10 de novembro de 1821, ganhou *O Conciliador do Maranhão* (que já circulava manuscrito desde 15 de abril). Depois, no Pará, em março de 1822, surgiu *O Paraense*. Em Minas, só em 13 de outubro de 1823 (um ano e meio depois do Pará) nasceu, em Ouro Preto, o primeiro jornal: *o Compilador Mineiro*. Até o final de 1822, já tinham sido criados mais de cinco dezenas de periódicos no Brasil, mas ainda faltavam dez meses para a primeira publicação mineira.

O segundo jornal a aparecer em Minas Gerais foi *A abelha do Itacolomi*, que circulou de 12 de janeiro de 1824 a 11 de julho de 1825, impresso numa tipografia simples, improvisada pelo chapeleiro Manuel Joaquim Barbosa Pimenta e Sal, ainda em Ouro Preto. Em 1825, surgiram, na província mineira, *O Universal*, *O Companheiro do Conselho*, *O Patriota Mineiro* e o *Diário do Conselho do Governo da Província de Minas Gerais*.

Segundo as classificações propostas por Sodré (1999), referentes às fases da imprensa no Brasil, é possível concluir que Minas Gerais ficou para trás não só com relação ao surgimento dos primeiros jornais no país, mas em todas as fases da imprensa brasileira no século XIX.

Tabela I – Classificação proposta por Sodré (1999).

Fase	Período	Características
Imprensa Colonial	1808-1822	Ligação com o poder. Surgiram jornais nacionalistas nos dois últimos anos.
Imprensa Publicista	1822-1840	Os jornais atuavam como instrumentos políticos, tendo uma linguagem muito agressiva.
Imprensa Informativa e Literária	1840-1889	O publicismo perde importância e os jornais informativos e literários ganham destaque.
Grande Imprensa	A partir de 1889	Os jornais tornam-se grandes empresas.

Tabela II – As quatro fases da Imprensa Mineira.

Fases da Imprensa Mineira	Período	Características	Principal Cidade
Imprensa Colonial	1808-1822	Minas Gerais não viveu essa fase.	--
Imprensa Publicista	1823-1885	Interiorização da imprensa e fortalecimento do publicismo.	Ouro Preto



Imprensa Informativa e Literária	1885-1927	Surgimento de uma imprensa informativa consistente. Na década de 1880, destaca-se o publicismo republicano.	Juiz de Fora
Grande Imprensa	A partir de 1927	Surgimento, em Belo Horizonte, do Diário da Manhã, considerada a primeira grande empresa jornalística do estado.	Belo Horizonte

Comparando-se as datas das fases da imprensa brasileira (principais províncias) com o momento em que elas se tornam realidade em Minas, compreende-se como foi grande o atraso dos jornais nesta província. Na primeira fase (imprensa colonial), não houve jornais mineiros. Na segunda (imprensa publicista), a província entrou apenas com um ano de atraso, mas só superou essa fase quarenta e cinco anos após as principais regiões do país. Na terceira fase, Minas entrou com mais de quatro décadas de atraso e só passou para a “grande imprensa” no século XX, com trinta e oito anos de atraso, de acordo com a classificação de Sodré (1999).

Tabela III – Quadro Comparativo

Fases	Principais províncias (estados)	Minas Gerais
Imprensa Colonial	1808-1822	Não teve jornais nessa fase.
Imprensa Publicista	1822-1840	1823-1885
Imprensa Informativa e Literária	1840-1889	1885-1927
Grande Imprensa	A partir de 1889	A partir de 1927

Porém, é interessante observar que, apesar de Minas Gerais ter se mantido atrasada nas várias fases da imprensa brasileira, personagens mineiros não deixaram de participar de iniciativas pioneiras na arte da impressão gráfica, tanto no Brasil quanto em Portugal. Aliás, muito pelo contrário. Frei José Mariano da Conceição Veloso, natural de São João del-Rei, criou e dirigiu um dos grandes projetos editoriais portugueses (que tinha sua produção voltada ao Brasil), a *Oficina e Casa Literária do Arco do Cego*, que funcionou de 1799 a 1801. Também chama a atenção o fato de que, em 1807, na antiga Vila Rica, o padre José Joaquim Viegas de Menezes tenha cometido a proeza, extraordinária para a época colonial, de publicar um opúsculo de 18 páginas, das quais 15 impressas, utilizando uma técnica chamada *calcografia*, que usa chapas fixas de cobre. No entanto, esta foi uma atividade singular e única (Cf. SODRÉ, N., 1966; MELLO, 2003).



Questões que afetaram a tardia implantação da imprensa no Brasil e em Minas

Enquanto o nascimento da imprensa no Brasil se dá em 1808 (três séculos após o início da colonização), nas áreas de colonização espanhola e inglesa da América a instalação de prelos se deu ainda no início da ocupação. De acordo com Semeraro (1979), em 1533 os espanhóis instalaram tipografias no México; em 1577, no Peru; e, em 1612, na Bolívia. Na América Inglesa, o primeiro prelo surgiu em 1638.

A mesma coisa ocorreu, com relação aos jornais. Os primeiros surgiram, na América Espanhola, quase um século antes disso ocorrer no Brasil, de acordo com Vicente (1994). Em janeiro de 1722, começaram a circular dois periódicos no México: *Gaceta de México* e *Nueva España*. Em 1729, a Guatemala ganhou seu primeiro jornal, a *Gaceta de Guatemala*; e, em 1743, começou a circular no Peru a *Gaceta de Lima*.

Para compreender os motivos do atraso da imprensa mineira, faz-se necessária a leitura do estudo de José Marques de Melo (2003). O autor apontou sete fatores, que foram responsáveis pelo secular atraso da imprensa brasileira, com relação às Américas Espanholas e Inglesas. São estes os fatores, apontados por Marques de Melo (2003):

- 1) natureza feitorial da colonização;
- 2) atraso das populações indígenas;
- 3) predominância do analfabetismo;
- 4) ausência de urbanização;
- 5) precariedade da burocracia estatal;
- 6) incipiência das atividades comerciais e industriais;
- 7) reflexo da censura e do obscurantismo metropolitanos.

É importante frisar que Minas Gerais sofreu um processo de colonização diferente das demais regiões do Brasil, por terem a mineração do ouro e do diamante como principal atividade econômica. Sendo assim, os fatores apontados por Marques de Melo (2003) não tiveram a mesma importância na região. Diferentemente do que ocorreu no restante do país, onde a colonização se caracterizou pela monocultura, latifúndio e escravidão, em Minas houve uma sociedade urbana bastante estratificada e uma atividade comercial intensa.



Dos sete “problemas” coloniais apontados por Marques de Melo (2003) como causadores do atraso na implantação da imprensa no Brasil, em quatro deles, Minas se encontrava em situação melhor do que o restante da colônia: analfabetismo predominante; falta de uma burocracia estatal; falta de urbanização e pouca atividade industrial e comercial. Nas outras três questões, os mineiros estavam na mesma situação das outras capitanias. De acordo com Jairo Mendes,

As Gerais eram mais urbanizadas, tinham uma vida cultural rica nos principais centros, uma sociedade menos estratificada, uma elite culta, uma atividade comercial considerável e uma burocracia estatal grande. Mas, por outro lado, nas primeiras décadas do século XIX, quando surgiram os primeiros jornais brasileiros, a Capitania viveu transformações econômicas e sociais (MENDES, 2010, pág. 06).

Fica evidente o fato de que o Brasil viu implantar seus primeiros veículos de imprensa tardiamente, se comparado às Américas Espanholas e Inglesas e que este processo não se deu de maneira uniforme, em todo o território nacional. Minas Gerais, por exemplo, teve um tipo de colonização significativamente diferente, com relação ao restante do país e isso, é claro, influenciou na maneira com que os mineiros implantaram sua imprensa.

Nesse sentido, o estudo de Marques de Melo (2003) se mostra importante, ao desvelar uma ideia muito forte na historiografia tradicional de que o nascimento da imprensa havia sido tardio no Brasil por proibição régia, pelo temor de que isso viesse levar a movimentos de independência. Não havia, naquele momento, nenhuma proibição específica em relação à instalação de tipografia. O que havia era um pacto de interdependência, pelo qual a Metrópole ficava responsável pela produção de manufaturas e a colônia, de bens primários. E a participação de brasileiros em grandes projetos editoriais portugueses deixa isso claro.

A imprensa em Juiz de Fora

Na imprensa do século XIX e do início do século XX, foi desenhada a imagem da Nação idealizada, construída sob um clima de intenso conflito. Nas páginas dos jornais, os relatos possibilitaram a criação do sentimento de pertencimento entre o homem e o território. (BHABHA, Homi K. , 1998).



O mesmo ocorreu em Juiz de Fora, antiga parada das tropas que escoavam café e minério, entre Vila Rica e a Corte, marcando a passagem entre as províncias de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. A partir dos anos setenta do século XIX, a cidade começou a publicar seus primeiros impressos.

Antes disso, segundo Albino Esteves (1915), eram raros os assinantes de jornais da Corte e de Ouro Preto, que chegavam à cidade sobre os lombos dos burros, de oito em oito dias. Paulino de Oliveira (1966, p. 179), em *História de Juiz de Fora*, defende a ideia de que os pequenos jornais, que circulavam inicialmente na cidade, provavelmente não eram impressos em Juiz de Fora porque, segundo ele, “não há a menor referência sobre a existência aí de oficina tipográfica antes de 1870”.

E é interessante observarmos que o “atraso” na implantação da imprensa e no domínio de suas técnicas chegou, também, aos jornais do interior do país. Por exemplo: muito em virtude das condições socioeconômicas de grande parte da população brasileira no século XIX e do vagaroso desenvolvimento das técnicas tipográficas, no Brasil, o emprego da fotografia na imprensa se dá muitos anos depois dos grandes centros. Mas, segundo Jorge Felz e Bruno Paiva,

(...) nem por isso poderemos afirmar que o uso da fotografia se restringirá às grandes cidades brasileiras. Já na década de 1870 vemos o surgimento de importantes jornais em cidade do interior do Brasil, como é o caso específico de Juiz de Fora e que, por volta de 1890, começam a utilizar imagens fotográficas impressas por fototipia em suas páginas. Se no início tais imagens têm um caráter ilustrativo, ou muitas vezes são frutos de um pioneirismo que chega às raias da loucura - como ocorre com uma edição, de 1890, do Jornal O Pharol, que em sua capa traz, colada em cada um dos mil jornais vendidos, uma imagem feita com a técnica do papel albuminado como peça publicitária de uma casa comercial – com o passar do tempo, tornam-se imagens de grande importância documental (FELZ e PAIVA, 2005, pág. 04).

Albino Esteves (1915, p.317-333) afirma ter sido *O Constituinte*, que circulou no primeiro semestre de 1870, provavelmente o primeiro jornal da cidade, ao qual sucederam mais de cem publicações, dentre jornais, almanaques e revistas, até o ano de 1900. Entre os jornais, houve aqueles que tiveram uma edição única, outros circularam por mais de um ano. Alguns eram ligados a partidos políticos, outros eram literários e ainda existiam os humorísticos. No período, a cidade chegou a contar com dez publicações diárias e muitas semanais. Nos títulos de vários desses impressos, podia ser observada a defesa de um ideal, o “projeto de uma cidade”, o posicionamento político:



O Constituinte, O Imparcial, A Bússola, Echo do Povo (primeiro órgão francamente republicano que apareceu na cidade, em 1882), *O Democrático, A Regeneração, Minas Livre*, dentre muitos outros.

Em defesa de um sistema econômico que propunha a ascensão da burguesia, havia: *Commercial, O Progresso e Commercio de Juiz de Fora*, que apontam para o projeto mercantil que envolve a cidade no final do século XIX (ESTEVES, 1915). E também havia as publicações de caráter francamente religioso: *O Metodista Católico*, de 1886, *Lar Católico*, de 1892, e *A Cruz*, de 1895 (OLIVEIRA, A., 1987, p. 47).

O almanaque e a *poliantéia* são outros tipos de publicação do final do século XIX que também merecem registro. De acordo com Almir de Oliveira (1987, p. 55), “os almanaques, editados em forma de livro, continham informações úteis ao comércio, à lavoura e à indústria, curiosidades e colaboração literária”. Os almanaques foram publicados em Juiz de Fora, no período de 1887 a 1916. Já as *poliantéias* eram publicadas em benefício de algum fato ou pessoa, por motivo de comemoração ou homenagem.

A primeira década do século XX está marcada por grande quantidade de periódicos de pouca duração e reduzida expressão. Para Almir de Oliveira (1978, p. 31), “merecem referência o semanário ‘O Inominável’, de Carlos Barroso, que circulou de março de 1905 a meados de 1913, quando era publicado trimestralmente, teve prestígio e influência; a ‘Revista Médica de Minas’, do Dr. João Monteiro; e o humorístico ‘O Sarilho’”.

Sobre o Diário Mercantil, que durante mais tempo circulou em Juiz de Fora, merece destaque as seguintes observações de Paulino de Oliveira:

O Diário Mercantil apareceu em 1912. Suas oficinas e redação funcionavam na Av. Rio Branco, no lugar em que se acha a galeria Sirimarco. Pertenceu depois a uma empresa do Rio, a Transoceânica, quando tinha como redator-chefe, Pinto de Moura, e como redator-secretário, José Costabile. Passando às mãos dos drs. Antônio Carlos e João Penido, obedecia deste a orientação política, sendo Tito de Carvalho, chefe de redação, e Rui Novais, secretário. Tito consagrou-lhe toda a sua vida. Nele ingressou como repórter, no ano de sua fundação, e dele só se afastou, por motivo de saúde, em 1931, quando a empresa foi incorporada aos Diários Associados (OLIVEIRA, 1966, p. 23).

O pioneirismo da “Manchester” Mineira

Juiz de Fora tinha, em 1922, uma população de 118,166 habitantes³ e um total de seis jornais diários: *O Pharol*, *Correio de Minas*, *Jornal do Commercio* e *O Dia* (matutinos); *A Tarde* e o *Diário Mercantil* (vespertinos) (LYS, 1922, p. 64). O *Lar Católico*, mantido pelos padres da Congregação do Verbo Divino, era um jornal semanal que, muitos anos mais tarde, em 1966, conseguiria a façanha de ser o jornal de maior circulação no estado de Minas Gerais (OLIVEIRA, 1996). Pela quantidade de jornais e revistas em circulação, Edmundo Lyz (1922, p.64) se refere a Juiz de Fora como “capital intellectual do Estado de Minas”. A expressão é ratificada, tempos depois, por Paulino de Oliveira (1996) ao lembrar que, durante a década de 20, “enquanto na Capital do Estado havia apenas três jornais diários, aqui se editavam sete, nenhum deles inferior aos de lá” (OLIVEIRA, 1996, p. 24)⁴.

Desmembrada de parte do território da cidade de Barbacena, a princípio, Juiz de Fora foi chamada de Vila do Santo Antônio do Paraibuna e apenas em 1865, recebeu o nome que sustenta até os dias de hoje. A cafeicultura que floresceu ao redor da cidade transformou a pequena vila no principal núcleo urbano da região. Com sua vocação inicial, de passagem e ponto de parada para tropeiros e viajantes, Juiz de Fora acabou se transformando num entreposto comercial de grande parte do café da Zona da Mata Mineira, acumulando capital, posteriormente investido na indústria, no comércio e infraestrutura urbana. E o dinheiro proporcionado pela cafeicultura trouxe, para a cidade, alguns feitos memoráveis, como a construção da Estrada União Indústria, a primeira estrada com calçamento em macadame (uma espécie de derivação do asfalto) da América Latina, inaugurada em 1861.

³ Este dado referente à população de Juiz de Fora (1920) foi publicado no jornal *Tribuna de Minas*, em edição de 1 set 2004, com base em informações do IBGE.

⁴ O ar cosmopolita rendeu muitos títulos à cidade: “Artur Azevedo batizou-a como ‘Atenas’, Coelho Neto chamou-a ‘Princesa de Minas’ e Rui Barbosa crismou-a como ‘Barcelona’. Outros apelidaram-na ‘Princesa da Mata’ e ‘Princesa do Paraibuna’, mas muito antes, alguém a aclamara ‘Manchester’. Se perdeu todos aqueles títulos, em benefício de Belo Horizonte, conserva este de pleno direito. Parece-me que foi Mr. Morrit, fundador da primitiva Fábrica dos Ingleses [como ficou conhecida a Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira, criada por uma associação de ingleses, em Juiz de Fora, durante o século XIX] e a quem Richard Burton [fotógrafo e escritor inglês que percorreu a estrada União Indústria, no século XIX] se refere como tendo guiado ‘a última mala postal para Manchester em 1841’, que lhe deu esse título. E não lhe deu por ser a cidade mais industrial do Estado, mas em recordação do nome de sua cidade natal e na suposição, confirmada depois, de que nela se concentraria o grosso da indústria têxtil em Minas. Por isto é que ele permanece” (Cf. OLIVEIRA, 1996, p. 24).



Segundo Christo (2000, p. 128), “a proximidade com o Rio de Janeiro favorecia o dinamismo cultural da cidade, atestado pelo número de jornais, teatros, escolas e instituições culturais, distanciando-a da mineiridade”. Juiz de Fora será chamada, dentre outros nomes, de Manchester Mineira, devido, principalmente, ao seu desenvolvimento industrial, em alusão à metrópole inglesa. E a imprensa juiz-forana também colheu os frutos do progresso. Para Felz e Paiva,

É nesse contexto de concentração de renda, desenvolvimento urbano-industrial e presença de imigrantes que surgem os jornais *O Pharol* e *O Imparcial*, em 1870. Será do *Pharol* a primeira oficina litográfica de toda a província de Minas Gerais, capaz de abastecer as páginas do jornal com ilustrações. Também nesse período, surgem inúmeros ateliês fotográficos na cidade (FELZ e PAIVA, 2005, pág. 08).

De início, os fotógrafos que trabalham nos primeiros ateliês dedicam-se aos retratos, cartões de visita e vistas panorâmicas da cidade e do seu entorno. Mas, aos poucos, a fotografia vai se tornando um instrumento de informação determinante para os jornais e a introdução da fotorreportagem nos periódicos locais permite vislumbrar imagens da cidade com caráter cada vez menos artístico e cada vez mais jornalístico.

O jornal *O Pharol* será o primeiro a adotar as modernas técnicas de reprodução fotomecânica, a partir de 1890. O emprego do processo de fototipia⁵ para a reprodução de imagens fotográficas fica claro, por exemplo, no texto abaixo, extraído das páginas de *O Pharol*:

(...) trata-se de uma folha, em que no centro de um belíssimo trabalho de litografia, feito pelo hábil artista, sr. Biancoville⁶, aqui residente, vê-se uma magnífica vista fototípica do prédio em que é estabelecida a Casa da Barateza, vista que, nos parecia desnecessário dizer, foi executada por Ehrhard Brand, a quem deve *O Pharol* verdadeiros sucessos, dando a seus leitores retratos absolutamente parecidos com os originais. (*O Pharol*, 13/11/1890. Arquivo Público de Juiz de Fora).

⁵ Fototipia: processo de fotogravura em plano, sem retícula, no qual se utiliza como placa impressora uma camada de gelatina bicromada, que se torna capaz de absorver mais ou menos tinta de impressão, segundo os graus diversos de endurecimento que adquiri, correspondentes a maior ou menor quantidade de luz recebida do negativo fotográfico.

⁶ Pietro Ângelo Biancoville (? – 1921) era italiano e desembarcou na cidade em 1888, trazendo o conhecimento da litografia adquirido com seu pai e um diploma do governo austríaco com o título de professor em caligrafia. Foi proprietário da primeira casa litográfica do Estado de Minas. Adaptou-se às mudanças, incorporando o registro produzido por fotógrafos como parte de seu trabalho, transformando-o em álbuns e cartões postais litografados. Sua oficina atendia a clientes não apenas do estado mas também do Rio de Janeiro e do Esp. Santo.



Desta maneira, nota-se que os jornais juiz-foranos desenvolviam-se na mesma rapidez e intensidade que a economia local. Nas primeiras décadas do século XX, são registrados seis jornais de circulação diária na cidade de pouco mais de 100 mil habitantes⁷: O Pharol, Correio de Minas, Jornal do Commercio e O Dia (matutinos); A Tarde e o Diário Mercantil (vesperinos). Além disso, ainda havia o semanário Lar Católico, mantido pelos padres da Congregação do Verbo Divino, que muitos anos depois, em 1966, será o jornal mais lido de toda Minas Gerais (OLIVEIRA, 1978).

Desde 1870, pode-se contabilizar mais de 700 títulos impressos na cidade, entre diários e semanais com alguma circulação periódica. A grande maioria não durou mais do que alguns meses ou uns poucos anos, o que não tira, de Juiz de Fora, o mérito de ter sido, de certa forma, um dos polos de desenvolvimento da imprensa no estado.

Com a queda da produção cafeeira e a decadência das indústrias instaladas na cidade, o desenvolvimento urbano é refreado e os jornais não conseguem mais acompanhar o que ocorre com a imprensa do Rio de Janeiro ou de São Paulo. Fato é que, enquanto nestas cidades os jornais seguem com um processo de evolução tecnológica e modernização de suas técnicas, os jornais juiz-foranos mais tradicionais perdem sua força, fecham ou reduzem drasticamente suas tiragens. Com tiragens reduzidas, os jornais reduzem de importância e de qualidade.

Considerações Finais

O estudo da imprensa brasileira e, em especial, a mineira, se mostra bastante interessante. O Brasil, por si só, sofreu um processo de colonização bastante particularizado, e Minas Gerais acompanhou essa tendência. A imprensa veio tardiamente aos brasileiros e, mais ainda, aos mineiros. Se pensarmos que Minas era uma das regiões do país mais desenvolvidas econômica e politicamente, o fato da província ter tido seu primeiro jornal mais de quinze anos depois da impressão do primeiro periódico brasileiro se torna um paradoxo ainda mais instigante.

Igualmente rica e atraente é a história da imprensa juiz-forana. Além da valorosa história de desenvolvimento e progresso, que fizeram da cidade a Manchester Mineira, vale ressaltar o reflexo que a prosperidade experimentada por Juiz de Fora entre os séculos XIX e XX trouxe para a sua imprensa.

⁷ Segundo dados do Censo Brasileiro de 1920 e disponível nos arquivos do IBGE.



O dinamismo cultural e o fervor econômico trouxeram para a história da imprensa juiz-forana ingredientes fundamentais, para que as tipografias da cidade se tornassem um verdadeiro polo de desenvolvimento do fazer jornalístico, a ponto de Juiz de Fora ter a audácia de possuir, em 1966, com pouco mais de 200.000 habitantes, o jornal mais lido do estado de Minas Gerais.

Referências Bibliográficas:

- ANDRADE, Silvia Maria Belfort Vilela de. *A classe operária em Juiz de Fora: uma história de*
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. *Imprensa Brasileira – Dois Séculos de História*. Acessado dia 09 de abril de 2013 em:
http://www.anj.org.br/aindustriajornalistica/historianobrasil/arquivosempdf/Imprensa_Brasileira_dois_seculos_de_historia.pdf.
- AZEVEDO, Lia Calabre de. *No Tempo do Rádio: Radiodifusão e Cotidiano no Brasil (1923-1960)*. Niterói, 2002.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Glácia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- Brasileira, 1966.
- CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *A fotografia através dos anúncios de jornais*. In LOCUS – Revista de História. volume 6, número 01. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional, UFJF, 2000. Pp 127 –146.
- ESTEVES, Albino. O Theatro em Juiz de Fora (Apontamentos). *O Pharol*, Juiz de Fora, ano XLV, n.157,p.1, 6 jul.1910.
- KHOURY, Yara Aun. *As greves em São Paulo*. São Paulo: Ed. Cortez/Autores Associados, 1981.
- lutas (1912/1924) Juiz de Fora: Ed. UFJF, 1987.
- LYS, Edmundo. A imprensa em Juiz de Fora. In: CAMPOS, Sandoval; LOBO, Amynthas. *Imprensa mineira: memoria historica*. Ed. comemorativa do Centenário da Independência do Brasil. Belo Horizonte: Typ.Oliveira, Costa & Comp, 1922. p. 63-75.
- MARQUES DE MELO, José. *História social da imprensa*. 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.
- OLIVEIRA, Almir de. *A imprensa em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: datilog.. Palestra apresentada no Museu Nacional de Belas Artes (RJ), 1978.
- OLIVEIRA, Paulino. A imprensa em Juiz de Fora antes de 1930. *Revista do IHG de JF*, Juiz de Fora, ano 2, n.2, p.20-29,1966.



SEMERARO, Cláudia Marinho. Início e desenvolvimento da tipografia no Brasil. In: SEMERARO, Cláudia Marinho; AYROSA, Christiane (Coord.). *História da tipografia no Brasil*. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo (MASP), 1979. p. 5-21.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VICENTE, Enrique Rios. O jornalismo na América Latina. In: QUINTEIRO, Alejandro Pizarroso (Coord.). *História da imprensa*. Lisboa: Planeta, 1994. p. 515-563.

YAZBECK, Lola. *As origens da Universidade de Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 1999.